

DIONISIO PEDRO DE ALCÂNTARA LISBÔA

SANTO ANTÔNIO CONTRA O MUNDO

A história do grande santo
para os nossos tempos



Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas...

(Jo 14,12)

Façamos o elogio dos homens ilustres, que são nossos antepassados em sua linhagem.

(Eclo 44,1)

PREFÁCIO

Aprender com os santos e sábios torna-nos melhores, pelo simples desejo de aspirar viver o que eles nos propõem pela própria experiência. Quando falam, descortinam a própria alma, proclamando uma palavra que carrega um significado vivo, superando a retórica e os ensinamentos das páginas que leram. Assim, a palavra escrita ou descrita da vida dos santos torna-se parábola, logrando-nos um significado profundo e misterioso; uma história.

Convicto dessa verdade, Dionisio Lisbôa presenteia-nos com o seu livro *Santo Antônio contra o mundo: a história do grande santo para o nosso tempo*. Trata-se de uma parábola verídica, vivida num tempo além do tempo. É uma experiência profunda do homem de Deus – Santo Antônio –, cujo testemunho deve ser conhecido e imitado por todos os que buscam o caminho da perfeição evangélica.

Sabemos que Santo Antônio, seguindo o exemplo de seu Deus e Senhor, Jesus Cristo, falava a linguagem dos simples e humildes; sua atitude frustrava a elite do seu tempo, acostumada a falar de modo que o povo não entendia, fazendo com que a massa humana permanecesse na condição servil do pecado e no anonimato alienante. Santo Antônio desperta as consciências e indica o caminho da verdade que liberta e salva, integralmente. Faz o povo enxergar a vida pelas vias dos mandamentos, e realiza prodígios surpreendentes, por encarnar em sua existência a palavra definitiva de Jesus: “Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas

ainda maiores do que estas...” (Jo 14,12).

Pelo bradar do martelo de Dionisio Lisboa, conheceremos, ainda mais, o caminho trilhado por Santo Antônio, que não é outro senão o da humildade, da oração, da amizade, da bondade e do amor, para chegarmos ao coração do Altíssimo. No santo dos paduanos – e nosso – nada é superficial; nele os velhos padrões de percepção puramente humana são ultrapassados. Ele fala-nos de uma vida interior vigorosamente despontada acima da ansiedade e da dúvida, descortinando-nos veredas que foram trilhadas no passado, mas que continuam plenamente vigorosas, no tempo que se chama hoje. Mostra-nos que o valor da vida está nas virtudes praticadas, e não somente nos milagres realizados. Porém, se há milagres, esses se devem ao vigor das virtudes abraçadas.

Como nos ensina a Palavra de Deus, “façamos o elogio dos homens ilustres, que são nossos antepassados em sua linhagem” (Eclo 44,1), pois os santos são como um catecismo em imagens, uma ilustração dos valores contidos no Evangelho; são a encarnação da Palavra encarnada de Deus e, portanto, uma via segura de acesso a Jesus Cristo.

Recordando-nos fatos passados sem perder um olhar crítico sobre a realidade presente, o devoto-escritor segue as pegadas do “doutor da verdade, trombeta do Evangelho e o martelo dos hereges”, sugerindo-nos caminhos novos, por ele já experimentados, desejando contribuir para a construção de uma sociedade cristã autêntica, renovada pelo exemplo dos que jamais traíram Jesus e o seu Evangelho. Portanto, esse livro toca a consciência, dobra a vontade e vence o coração.

Agradecemos a Dionisio Lisboa por nos trazer

uma nova luz sobre a vida de Santo Antônio, ao tempo que caminhamos, a exemplo do grande santo, ao encontro da meta, que é Jesus Cristo, nosso Deus e nosso Salvador.

Dom Gregório Paixão, O.S.B.
Bispo de Petrópolis (RJ)

PRÓLOGO

A fragrância oriunda da suave fumaça do incenso tomava conta daquele ambiente no qual duas senhoras, uma idosa e outra de meia-idade, recitavam preces, enquanto uma inocente criança acompanhava atentamente a tudo... a cera das velas a derreter e a se depositar na base do velho castiçal de louça enquanto as chamas bruxuleavam e se refletiam nos olhos de uma imagem de Santo Antônio do final de século XVIII. Antes, as orações eram feitas por um idoso pai de família em companhia de seus entes queridos... agora, somente aquelas senhoras e o garotinho mantinham aquela tradição imemorial.

Assim, a criança balbuciava as orações continuamente repetidas, ano após ano e o transcorrer do tempo fazia com que a memorização das harmonias impregnasse seus pensamentos e fala...

O tempo, que não dá pausas para descanso, continuava sua marcha inexorável, e aquele garotinho agora era um jovem pré-adolescente que continuava a recitar as orações quando a senhora mais jovem lhe chamava enquanto a mais velha rezava de cor a oração "Deus vos salve, ó glorioso Santo Antônio...".

Mais alguns anos e aquele adolescente havia se tornado um homem com cerca de vinte anos e ambas as mulheres, ainda mais idosas, uma bem mais que a outra, não arrefeciam em seu intuito de orar, pedir graças e a proteção de Deus naqueles treze dias do mês de junho... a mesma rotina, o mesmo fervor, a mesma imagem sobre o pequeno armário improvisado em oratório, o mesmo castiçal, as mesmas folhas

amareladas de um pequeno caderno nas quais estavam transcritas à mão as orações. Apenas o tempo transcorria. Mas agora, a rebeldia e os questionamentos característicos da idade daquele rapaz faziam com que ele passasse de soslaio, apenas observando aquelas vetustas orações, ainda gravadas em sua memória, dando as costas e seguindo sua vida para cuidar de seus afazeres mundanos sem dar maior importância ao que se dava ali. O que lhe mantinha o pouco ânimo para não se desligar totalmente das orações era a presença ocasional daquela que viria a ser sua esposa nas preces, cânticos e na ladainha acompanhando as duas idosas.

O tempo transcorreu e, anos depois, apenas aquela senhora antes de meia-idade – agora uma idosa na casa dos setenta anos, rezava, às vezes acompanhada pela agora esposa do rapaz, pois a mais anciã já havia cruzado o limiar da Eternidade, mais que centenária. O jovem, agora com cerca de trinta anos, tinha retornado à fé católica, mas não tinha tempo em acompanhar as orações. Sempre arranjava uma desculpa para não se fazer presente às rezas e cânticos. Achava aquilo belo, mas ultrapassado como um livro de orações medieval repleto de iluminuras.

Por fim, o rapaz se tornou um homem e, ainda na dor da partida de sua mãe, recitava em lágrimas aquelas orações antes proferidas por seus antepassados, tentando incutir em sua esposa e filhos a devoção a Santo Antônio. De fato, os divertimentos e distrações vãs deram lugar ao estudo da São Doutrina, à busca dos Sacramentos e à Realidade que não passa.

Foi para honrar este insigne português e as gerações que nos legaram tão bela e piedosa devoção que este livro foi imaginado, meditado e escrito. E

não há porque se espantar se, na presente obra, após os relatos da trajetória e milagres de Santo Antônio – descritos a cada capítulo – são também tecidas considerações a respeito dos contrastes entre a via autenticamente cristã, exemplar e santamente seguida pelo taumaturgo, e a via de pecado, ilusão e egoísmo que o mundo tenta instilar no ser humano. Isto porque o autor acredita firmemente que uma hagiografia não seria completa em seu objetivo se não auxiliasse a cumprir sua mais autêntica missão, qual seja, auxiliar na edificação das almas contra as armadilhas que diuturnamente surgem no caminho de quem busca a Deus com sinceridade.

Fato é que o trabalho refletido na presente obra pode ser comparado a uma criancinha que se deixa assentar sobre os ombros de gigantes, pois não há como deixar de se reconhecer que muito do que foi escrito neste livro o foi baseado no árduo trabalho de diversos outros biógrafos antonianos, sendo remoídas a um estilo mais atual, tornando o texto leve e compreensível.

Quanto ao título do livro, este não é despropositado... assim como Santo Atanásio combateu um mundo que tinha se tornado ariano cerca de nove séculos antes de Santo Antônio, este lutou contra as heresias, a usura, a impureza e a injustiça de seu tempo, servindo sua vida até mesmo como um testemunho contra a marcha insana da humanidade rumo ao abismo sem Deus e como instrumento através do qual se possa refreá-la ou alterar seu curso.

Por fim, a título de sugestão, merece ser frisado que não foi sem propósito o fato deste escrito ter sido concebido em treze capítulos, podendo ser lido e apreciado combinado a uma de suas famosas trezenas, um

capítulo por dia, ou como melhor aprouver ao leitor.

Boa e santa leitura.

Santo Antônio de Lisboa é o santo calado na obscuridade das meditações estudiosas, preparando, na ignorância do mundo, a obra intelectual que maravilhariá o mundo.

(CONSTÂNCIO ALVES)

CAPÍTULO

1

NASCIMENTO, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Todos os autores que investigaram e discorreram sobre a vida de Santo Antônio são unânimes em lhe atribuir a nacionalidade lusitana, sendo impossível falar no tão ilustre santo e não mencionar sua pátria natal, Portugal.

Os séculos XII e XIII da Era Cristã eram aqueles em que começava a refulgir algo que se pode chamar de autêntica nacionalidade portuguesa, em que os briosos lusitanos se impunham com ardor, em face dos outros reinos já emergentes naquele caldo de culturas que é a antiga Ibéria e, principalmente, contra os mouros, tudo fazendo para reconquistar, palmo a palmo, os territórios perdidos para os seguidores de Maomé no começo do século VIII.

De fato, a partir de 711 d.C. os muçulmanos iniciaram as campanhas de conquista de quase toda a Península Ibérica, a qual, excetuando uma pequena faixa de terras montanhosas ao norte, ficou sob o jugo sarraceno por séculos. Sua reconquista durou cerca de oitocentos anos, só se encerrando em 1492 d.C., com a tomada de Granada pelos exércitos dos reis católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela.

Em Portugal, entre meados do século XII e o início do XIII, três reis se sucederam no trono: em primeiro lugar Sancho I, filho de Dom Afonso Henri-

ques, homem que se dedicou com muito esmero a ampliar o território e proceder ao povoamento do país que nascera sob a égide de seu genitor; a este sucedeu Afonso II, neto de Dom Afonso Henriques, que se envolveu em lutas intestinas com membros de sua própria família, o que resultou na perda de diversos territórios já conquistados aos mouros ao sul do Rio Tejo, e, por último Sancho II, filho deste último e um grande conquistador, mas que, infelizmente, envolveu-se em questões com a Igreja Católica e com a própria Santa Sé, no que resultou sua excomunhão e deposição pelo então Papa Inocêncio IV a favor de seu irmão Afonso III, conde de Bolonha.

Assim, ao final do século XII, nosso grande santo nasce em Portugal, um reino fascinante e estreito, cercado a leste pelas terras destinadas a compor a Espanha nos séculos vindouros e comprimido por mouros ao sul e sudeste, mas defendido com tenacidade pelos seus habitantes.

Tem especial significado na vida do santo a cidade de Lisboa, pois tem a honra de ser o berço natalício de tão insigne homem.

Ali ainda não residia o rei e sua corte, pois, poucas léguas ao sul, os mouros espreitavam. De fato, era em Coimbra que tinha se fixado o monarca e lá as decisões do novo reino eram tomadas. Porém, ainda que não fosse a capital, a posição que Lisboa desfrutava era singular em face de sua localização estratégica, sendo seus habitantes possuidores de sangue e herança de muitas raças e povos que em passado imemorial ali se fixaram.

De fato, há muitos séculos, tantos que não há como precisar quantos, um povo desconhecido acampou próximo às ribeiras do Tejo. Prenderam-nos o cli-

ma agradável, a fertilidade dos campos ao redor, o rio repleto de peixes, o abrigo do porto, posteriormente tão frequentado pelos navios que velejavam entre o Mediterrâneo e as terras frias do norte da Europa. O local onde pousaram é atualmente conhecido como o Castelo (LOPES 1946, p. 11).

O povo ali assentado cresceu, multiplicou-se e, por fim, miscigenou-se com outros que também foram atraídos para aquelas plagas. Ocasionalmente, gentes inquietas, vindas de plagas distantes, arremetiam contra ela. Às vezes conseguiam tomá-la e até mesmo arruiná-la, mas, em pouco tempo, recuperada do abalo, tornava a florescer e progredir com vigor. Aquele local era deveras atrativo, sendo que para lá se dirigiram povos de origem celta, principalmente os lusitanos originais, depois vieram fenícios, gregos, cartagineses, romanos, visigodos e, por fim, os mouros, que dominaram a região por muito tempo.

Em 1147, Afonso Henriques planejou tomar a cidade das mãos dos muçulmanos, que a detinham havia mais de quatro séculos. Já tinha tentado anteriormente, mas fora repellido, posto que era fortaleza quase inexpugnável. A própria forma como a cidade estava disposta dificultava muito qualquer assédio. De fato, no cimo do morro ficava o castelejo e a contígua cidadela militar; ao núcleo principal do povoado, no pendor que pelo sul se debruça até o rio couraçavam-no altas e robustas muralhas com torres bem providas de soldados; e os subúrbios, de ruelas estreitas e tortuosas, casas de terraços mouriscos, serviam de avançados bastiões (LOPES 1946, p. 12).

Só que desta feita, o rei contava com a valiosa ajuda dos Cruzados do Norte, em sua grande maioria ingleses, alemães e flamengos, que, em seus navios,

se dirigiam para a Terra Santa. Com eles entrou em acordo e, ao fim de quatro meses de apertado e atroz sítio, arrebatou a cidade em definitivo das mãos dos mouros. Uma vez encerrado o cerco, tapou as brechas das muralhas resultantes dos dias de assédio, ergueu de pedras novas, ao estilo românico, a Catedral de Santa Maria, exatamente no local onde antes se localizava a principal mesquita sarracena, ergueu novas igrejas e deixou a cidade provida de guarnição militar suficiente para repelir as investidas muçulmanas.

Nos tempos que se seguiram à tomada da cidade até os primeiros anos do século XIII, Lisboa cresceria e progrediria em seu *status*, convertendo-se de cidadela militar de grande importância estratégica em verdadeira joia da coroa do reino. No que diz respeito à sua população, era visivelmente heterogênea, sendo constituída principalmente de mouros, moçárabes, judeus e cristãos arabizados, contingente populacional composto, em grande parte, por mercadores, nobres e homens de guerra.

Feitas tais considerações, já tendo situado o taururgo em sua realidade geográfica e histórica, surge aqui o problema de fixar a sua correta data de nascimento, que, a partir de Frei Marcos de Lisboa, divulga-se ter ocorrido em quinze de agosto de 1195, data que, desde então, a maior parte dos hagiógrafos antonianos adotará, embora aquele autor sequer informe a fonte que o levou a tal conclusão (LOPES 1946, p. 18).

Ora, quinze de agosto é a data em que tradicionalmente se comemora a data da Dormição e Assunção da Virgem, e os pais de Santo Antônio, segundo antigo costume, adotaram Maria Santíssima para ser madrinha de seu rebento, sendo quase certo que tal

data não seja a correta.

A estas informações, Fortunato Pasqualino acrescenta um dado relevante para justificar o porquê de muitos biógrafos terem adotado o dia 15 de agosto como a data de nascimento do santo: nela se comemorava o aniversário da queda de Roncesvales^[1], motivo e estímulo ideais do coração paladino da Europa cristã mencionada na Canção de Rolando^[2], obra que fazia parte da educação sentimental daqueles tempos que as autoridades eclesiásticas e civis recomendavam para que os jovens, recitando-a, fossem “estimulados à luta contra os muçulmanos, invasores e profanadores dos lugares santos” (PASQUALINO 1983, pp. 8-9).

Constata-se, portanto, que sua data de nascimento é incerta. Atualmente a maioria dos estudos apontam que Santo Antônio teria nascido entre 1190 e 1191, principalmente levando em conta que o acurado exame de seus restos mortais revelou que se tratava de um homem que pouco havia ultrapassado os quarenta anos quando de sua morte. Alguns afirmam, não sem razão, que para tal polêmica quanto à data de seu nascimento ser, enfim, pacificada, esta deve recuar ainda mais, considerando-se, então, o ano de 1188, mas por aí cessam as especulações sobre a data natalícia do taumaturgo, pois a obra em questão não possui tal escopo.

No que concerne ao nome de Santo Antônio no mundo secular, este é incerto. Seria, segundo seus biógrafos, Fernando de Bulhões, Fernando Martins de

^[1] Localidade próxima à atual fronteira entre Espanha e França onde, em 778 d.C., ocorreu uma batalha entre o exército do rei franco (e futuro imperador) Carlos Magno e guerreiros bascos.

^[2] Poema épico composto no século XI e a mais antiga das canções de gesta escritas em uma língua românica que narra o fim heroico do conde Rolando, sobrinho de Carlos Magno durante a batalha de Roncesvales.